

As linguagens do futebol em Moçambique:  
colonialismo e cultura popular



Nuno Domingos

As linguagens do futebol em Moçambique:  
colonialismo e cultura popular

  
coleção VISÃO DE CAMPO

**7** LETRAS ]

© 2015 Nuno Domingos

*Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.*

*Coordenação editorial*

Isadora Travassos

*Produção editorial*

Eduardo Sússekind

Rodrigo Fontoura

Victoria Rabello

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D715L

Domingos, Nuno

As linguagens do futebol em Moçambique : colonialismo e cultura popular /  
Nuno Domingos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7 Letras, 2015.  
(Visão de Campo)

ISBN 978-85-421-0332-8

1. Esportes - África - História. 2. Futebol - África - História. 3. Esportes -  
Aspectos sociais. 4. Cultura - África. 5. África - História. I. Título. II. Série.

15-21570

CDD: 796.0960

CDU: 796(6)(09)

2015

Viveiros de Castro Editora Ltda.

Rua Visconde de Pirajá, 580 SL. 320 – Ipanema

Rio de Janeiro RJ – CEP 22410-902

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

---

coleção VISÃO DE CAMPO



“O esporte visto pelas lentes das ciências humanas e sociais”

*Coordenação*

Bernardo Borges Buarque de Hollanda  
Victor Andrade de Melo

*Conselho editorial*

Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes  
Prof. Dr. José Sérgio Leite Lopes  
Profa. Dra. Mary Del Priore  
Prof. Dr. João Malaia  
Prof. Dr. Ronaldo Helal



# Sumário

Apresentação:	
Pesquisar o jogo de futebol em Moçambique	9
Capítulo 1	
Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano	17
Capítulo 2	
As políticas desportivas do Estado colonial em Moçambique	37
Capítulo 3	
O futebol português em Moçambique como memória social	61
Capítulo 4	
A força dos laços desportivos: associativismo e estruturação urbana no Moçambique Colonial	77
Capítulo 5	
Os usos da narrativa futebolística portuguesa em Maputo	97
Capítulo 6	
Dos subúrbios da Lourenço Marques colonial aos campos de futebol da metrópole, uma entrevista com Hilário Rosário da Conceição	119
Capítulo 7	
Da poesia e do futebol: José Craveirinha e a situação colonial em Moçambique	143
Bibliografia	155



## Apresentação:

### Pesquisar o jogo de futebol em Moçambique

O conjunto de textos aqui apresentado trata do jogo de futebol – embora por vezes do esporte de forma mais genérica – no Moçambique colonial e pós-colonial. É um livro sobre a história do colonialismo em Moçambique durante o século XX e sobre as suas dinâmicas e heranças pós-coloniais, examinadas a partir de um observatório particular: as práticas e os consumos que envolveram a generalização de um jogo esportivo moderno num território africano colonizado. Neste sentido, também questiona algumas das estruturas sobre as quais se ergueu e ergue a sociedade portuguesa. Do campo de futebol e de todas as suas enormes margens sociais e culturais desenha-se um lugar particular de investigação da história, que muitos consideram ainda menor no quadro da hierarquia dos objetos pesquisáveis. Desse lugar, no entanto, é possível discutir alguns dos temas consagrados da história dos impérios: a ação do Estado colonial, os seus dispositivos de dominação e os limites da sua eficácia; as lógicas de construção imperialista e as suas resistências; as dinâmicas de poder, estratificação e desigualdade social e racial, traduzidas também na constituição de um campo de práticas e consumos esportivos; a estruturação urbana observada a partir das dinâmicas associativas e da constituição de uma poderosa cultura popular tendencialmente mediatizada; as relações entre centros e periferias, a nível local, regional, entre colônias e metrópole e a uma escala mais global; a lógica de apropriação de atividades modernas como o futebol por populações locais que as usaram no seu quotidiano, mas também souberam transformar as suas linguagens, inovando, acrescentando significados e gestos ao jogo.

A análise do jogo e da cultura popular que este criou reforça a imagem de um sistema colonial intrinsecamente iníquo. À sua escala este laboratório permite descrever a passagem desta dominação estrutural para os corpos e para as representações do mundo. Mas este mundo de relações que envolveu a expansão do jogo também gerou autonomias onde se forjaram práticas e consumos.

Estes textos são também sobre o futebol. São textos sobre a história do futebol em Moçambique, sobre os seus principais agentes, jogadores,

clubes, jornalistas, sobre as competições, as derrotas e as conquistas. A sua ação decorre num território onde uma situação colonial fortemente discriminatória condicionou o desenvolvimento do processo de esportivização (ELIAS, 1992, p. 187-215). Esta proposta de análise é extensível aos lugares onde o jogo se tornou numa prática performativa, mas também num espetáculo dirigido a uma audiência. Procura-se aqui explorar as dinâmicas da linguagem corporal do futebol e de como estas, assentes em bases performativas relativamente estabilizadas, definidas inicialmente por um corpo de leis e regulamentos, se relacionam com a sociedade envolvente, mas também como exprimem a institucionalização de um campo de práticas esportivas, com valores e lutas próprios.<sup>1</sup> De uma outra perspectiva, importa inquirir os usos e funções do futebol enquanto fenómeno da cultura popular. Escapando à tendência de considerar a cultura popular como uma simples emanção identitária, independentemente da sua importância no reforço de identificações sociais, é útil criar meios de a tomar como um objeto empírico, interpretado em espaços concretos e em situações históricas determinadas. É possível assim avaliar o modo como a cultura popular futebolística cria um conhecimento específico, um “stock de conhecimento” (BERGER; LUCKMANN, 1967, p. 41), socialmente transmitido pela família, pela escola, nos lugares de trabalho e de lazer; de como os indivíduos usam este conhecimento no quotidiano, manejando-o retoricamente, com base nas suas memórias, identificações e afetos, delineando comunidades de partilhas, mas também de oposições. A funcionalidade social deste conhecimento, transformado num repertório da interação em inúmeras situações sociais, é um dos possíveis eixos de pesquisa sobre o jogo enquanto fenómeno moderno.<sup>2</sup> Aos indivíduos facultam um meio de relacionamento; estruturalmente, contribuiu para a constituição de redes de interdependências e relações, tanto aquelas que expressam maior proximidade social, como as que desenham vastas comunidades de interesses.

O Moçambique urbanizado, nomeadamente a sua capital, Maputo, é um laboratório específico desse processo histórico e social. Se é impossível perceber o futebol fora das dinâmicas de constituição de sociedades urbanas onde as interdependências sociais se multiplicam e, de forma aparentemente paradoxal, as diferenças entre grupos se acentuam, é fundamental

---

1 No sentido que BOURDIEU (1996) atribui ao conceito de campo.

2 Revela-se aqui a utilidade da obra de Erving Goffman, nomeadamente a sua teorização sobre a “ordem da interação” (GOFFMAN, 1983, p. 11).

reconhecer as autonomias e lógicas próprias do jogo, espaço de relações sociais muito particular. Enfim, se o futebol pode ser o lugar de onde se observa um processo, é fundamental não esquecer que o futebol faz parte desse processo, condicionando-o à sua maneira; facilita-o, em inúmeras vezes, oferecendo-lhe uma organização prática e simbólica, mas também cria por vezes resistências e atritos; não é apenas uma lente por intermédio da qual se olha para o mundo, mas um agente ativo nesse mundo.

## OS CAPÍTULOS

A ordem destes textos segue, com a exceção de um, os ditames da cronologia da pesquisa. O primeiro capítulo traduz um estado de pesquisa inicial, momento para colocar questões e de avançar com um conjunto de problemas que acompanharam o processo de elaboração de um doutorado. Importava então interrogar o lugar do esporte no quadro do colonialismo português ensaiando uma comparação com outros contextos, nomeadamente com o inglês, onde um conjunto de estudos havia já sido produzido. O império colonial português possuía características particulares que convinha atender ao se convocarem interpretações aplicadas a outros territórios onde, por exemplo, a capacidade de intervenção do Estado no terreno era muito mais eficaz, tanto ao nível da coerção como no que respeitava ao exercício de uma dominação mais dissimulada. Poder-se-ia subsumir a história do futebol em Moçambique ao binómio dominação/resistência?<sup>3</sup> Como trabalhar as lógicas de apropriação do jogo pelas populações locais em relação aos processos políticos de controlo e disciplina social? De que modo as populações tomaram a linguagem do jogo e a procuraram negociar? Já nesta fase do meu trabalho, o contato com a produção jornalística do poeta moçambicano José Craveirinha,<sup>4</sup> um apaixonado pelo jogo e pela

---

3 Sem dúvida que esta questão tem marcado o trabalho de diversos investigadores que têm trabalhado sobre a história do desporto na África portuguesa. Ver a este propósito BITTENCOURT; MELO, 2012 e NASCIMENTO, 2013.

4 José João Craveirinha nasceu em Lourenço Marques, em 1922. Poeta consagrado, jornalista, colaborou em diversas publicações periódicas, nomeadamente em *O Brado Africano*, no *Itinerário*, no *Notícias*, na *Mensagem*, no *Notícias do Bloqueio* e no *Caliban*. Foi funcionário da Imprensa Nacional de Lourenço Marques. Jogou futebol em clubes de Lourenço Marques. Foi preso pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) durante 5 anos. Após a independência de Moçambique foi membro da Frelimo e presidiu à Associação Africana. Foi Prémio Camões em 1991. É um dos mais reconhecidos poetas da língua portuguesa e um dos maiores escritores africanos. A sua primeira obra, *Xibugo*, data de 1964.

sua análise e um autêntico etnógrafo amador, se tornou fundamental para interpretar a história do futebol na cidade de Lourenço Marques.

O segundo capítulo procura interpretar a dinâmica das políticas estatais na área do esporte que intervieram na formação de um campo de práticas e consumos esportivos em Moçambique. As lógicas discriminatórias que fundaram a institucionalização do Estado nos territórios coloniais, impondo uma divisão matricial entre indígenas e civilizados, estenderam-se às políticas esportivas. A evolução das medidas estatais na área do esporte acompanhou o desenvolvimento da ideologia colonial, condicionada pelas pressões impostas por períodos históricos marcados por transições, como a decorrente do desfecho da Segunda Grande Guerra e aquela que envolveu o processo de descolonização na África. As conquistas e fracassos destas políticas esportivas constituem também um bom índice de avaliação da capacidade do Estado colonial em controlar a organização social e os meios que procurou utilizar para alcançar tal desiderato. É essencial, no entanto, perceber a evolução das políticas esportivas do Estado atendendo às próprias lógicas de um campo que, em grande medida, dependia do associativismo, do trabalho dos clubes e das federações na criação de competições oferecidas ao público. Defensor de um modelo esportivo amador, baseado na prática da ginástica, o Estado pretendeu controlar as associações, hipotéticos focos de instabilidade política, mas não bloqueou a força social de um jogo como o futebol, que rapidamente se desenvolveu enquanto espetáculo público mediatizado, congregador de coletivos e vontades.

Em “O futebol português em Moçambique como memória social”, persegue-se a resposta a uma questão específica: como interpretar a continuação do interesse dos moçambicanos pelo que chamei de “a narrativa do futebol português”? Hoje em Maputo acompanha-se de perto as aventuras do campeonato português e dos seus maiores clubes, sem dúvida os mais populares em Moçambique. Constatando esta realidade é lícito sugerir a existência de uma nostalgia pelos tempos do império? Ou, como alguns críticos moçambicanos sugerem, trata-se de mais um exemplo de neocolonialismo? Contra interpretações totalizadoras e imediatas, este capítulo pesquisa a formação destas filiações esportivas durante o tempo colonial, como se reproduziram, se tornaram hegemônicas e sobreviveram ao período de independência, até hoje. No texto seguinte, “A força dos laços esportivos: associativismo e estruturação urbana no Moçambique colonial”, prolongam-se as linhas de interpretação do capítulo anterior. A transformação do

jogo de futebol, em contextos de urbanização, num conhecimento social específico, usado pelos indivíduos enquanto meio de identificação quotidiana em inúmeros encontros sociais, é aqui relacionado com a atividade do movimento associativo. De que forma o associativismo esportivo ajudou a produzir identificações, práticas e consumos? O que distinguia este tipo de associativismo, maioritário em todos os distritos moçambicanos no período colonial, de outras formas de associação? O clube de futebol transformou-se num ator singular da vida urbana. Não apenas contribuiu para a sedimentação de redes de proximidade, unidas por identificações diversas, como beneficiou do crescimento das redes de interdependências urbanas, ajudando a criar laços entre diferentes grupos populacionais. A mediação de alguns destes clubes converteu-os em células de um conhecimento, alimentado pelas competições regulares em que participavam, e largamente difundido, não apenas a nível local, mas por vastas parcelas do território. Estas partes territoriais passavam a estar unidas pela informação que circulava pela imprensa e pela rádio (mais tarde pela televisão e hoje também pela internet). Na dinâmica do processo de esportivização, a fase da territorialização associativa, fundamental para a institucionalização do futebol moderno, deu lugar a uma mediação que concedeu ao futebol poderes extraordinários. A força difusora da mídia transformou os maiores clubes em entidades nacionais e em alguns casos globais.

“Os usos da narrativa futebolística portuguesa em Maputo” situa-nos no Moçambique contemporâneo. A mesma gramática conceitual ajuda a questionar os usos do conhecimento social proporcionado pela narrativa do futebol português na capital do país. Dialogando com as pesquisas sobre migrações, este texto discute o discurso prescritivo, produzido e patrocinado pelo Estado, que assume a existência de “comunidades” homogêneas nos seus hábitos e preferências. A partir da pesquisa sobre as identificações esportivas na cidade de Maputo procurou-se perceber como portugueses e moçambicanos se relacionam com o futebol, como o integravam nos seus estilos de vida, necessariamente decorrentes de uma posição de classe. Esta análise permite perceber o lugar destas “comunidades” numa estrutura social complexa, cuja lógica, enfim, acaba por colocar em causa essa mesma ideia de comunidade. Neste mundo de relações contemporâneas as velhas representações coloniais continuam bastante efetivas.

A entrevista ao jogador moçambicano Hilário Rosário da Conceição, atleta que brilhou na década de sessenta, tanto no Sporting Clube de

Portugal como na seleção portuguesa, permite interrogar o processo histórico em Moçambique a partir da análise de uma experiência individual. Evitando os perigos da ilusão biográfica,<sup>5</sup> o exame da singularidade deste percurso oferece uma descrição única de como se viveram momentos fundamentais da história moçambicana e portuguesa do século XX; possibilita testar explicações estruturais sobre o colonialismo português, sobre as relações de poder e os processos de mobilidade social, mas também enunciar brechas nestas análises macrossociais, as tensões, as negociações, as contradições. Nascido num bairro pobre do subúrbio de Lourenço Marques, filho de uma africana e de um pai português incógnito, Hilário cresceu na periferia da cidade, onde era um “mulato de segunda”. Devido ao seu talento, quebrou a barreira racial que prevalecia no futebol da capital de Moçambique. O primeiro não branco a jogar no Sporting de Lourenço Marques, partiu para Lisboa em 1958. O modo vivido, mas por vezes cauteloso e ambíguo, como se refere ao seu passado resulta certamente deste itinerário fragmentado, que torna a história, visto pelas suas memórias, menos linear e simultaneamente mais interessante.

Por fim, em “Da poesia e do futebol: José Craveirinha e a situação colonial em Moçambique”, retorna-se à pesquisa da linguagem do futebol. Mais uma vez, os textos de Craveirinha sugerem caminhos inovadores para expor a natureza do diálogo entre uma atividade com regras definidas e processos de criação relativamente organizados, e a sociedade envolvente. Este encontro entre linguagem formal e sociedade traduz-se em performances situadas que podem ser descritas como a emanção corporal de um certo estilo de jogo. Rompendo com visões conservadoras sobre o futebol, Craveirinha atribui-lhe um estatuto enquanto objeto de pesquisa histórica e etnográfica semelhante, em muitos aspectos, à sua arte poética, também ela um exercício de apropriação de uma linguagem específica. O estudo do futebol enquanto linguagem é tão importante para perceber os processos de criação individual e coletiva que rodeiam o jogo, como para, a partir deste idioma, o pesquisador interpretar os grandes processos históricos e sociais. Agradeço às direções das revistas *Análise Social*, *Cadernos de Estudos Africanos*, *Lusotopie*, *Textos e Pretextos*, *Etnográfica* e à editora Afrontamento a permissão para a publicação destes textos.

---

5 Como se lhe referiu BOURDIEU (1986).

Este livro é publicado numa coleção, *Visão de Campo*, que tem editado de forma sistemática importantes trabalhos sobre a história do futebol e do esporte, revelando um particular interesse em obras sobre o esporte nas antigas colônias portuguesas.<sup>6</sup> O trabalho desta coleção nesta área específica prossegue os esforços de um projeto coletivo que junta um conjunto de investigadores, sobretudo de Portugal e do Brasil<sup>7</sup>. Este livro beneficiou sem dúvida do contributo de colegas que, de uma forma ou de outra, se têm encontrado, para trabalhar sobre temas comuns. Agradeço especialmente ao Victor Andrade Melo, diretor da coleção, ao lado de Bernardo Buarque de Hollanda, ao Marcelo Bittencourt, ao Augusto Nascimento, ao Maurício Drummond, à Andrea Marzano, à Vivian Fonseca, ao Paulo Jorge Fernandes, ao António Jorge Gonçalves Soares, ao José Neves, à Nina Tiesler, ao Luiz Carlos Ribeiro, ao Sílvio Correa, ao Fábio Peres, ao Fernando Borges, à Bea Vidacs, ao Pedro Gomes, ao Marcos Cardão, ao Rahul Kumar, ao Victor Pereira, ao João Sedas Nunes e ao Frederico Ágoas, entre outros que, de que uma forma ou de outra, têm participado em projetos, conferências e obras publicadas. De forma mais genérica este livro é também devedor da dinâmica da universidade brasileira, de todo um conjunto de iniciativas, debates e polémicas que torna o estudo do futebol e do esporte um objeto mais rico.

---

6 Veja a este propósito a obra de NASCIMENTO (2013) sobre o desporto em São Tomé e Príncipe.

7 Vários autores que participaram neste projeto coletivo já haviam publicado outras obras sobre o tema, nomeadamente MELO; BITTENCOURT; NASCIMENTO (2010) e MELO (2011).

